

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: _____

Data: *01.05.86*

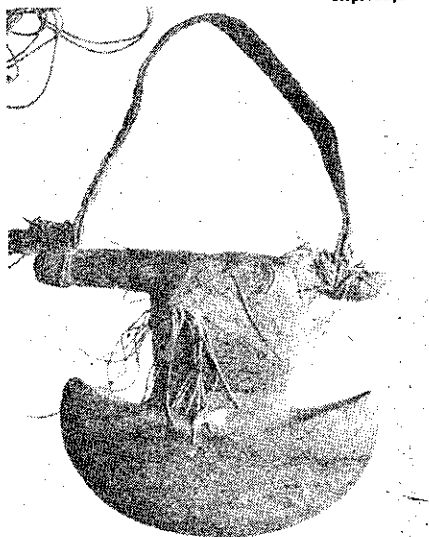
Pg.: _____

1980 USP só decide em junho sobre peça de índios

Da Reportagem Local e da Redação da **Folha**

Reprodução

A restituição pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP) da machadinha, denominada "kyire", à nação Krahó, só poderá ser decidida no próximo dia 3 de junho, quando se reúne o Conselho Técnico Administrativo (CTA) da USP, órgão responsável pela disposição do patrimônio móvel da instituição. Mas a área de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia já se manifestou de maneira favorável ao retorno da peça aos índios. E, em reunião realizada anteontem à noite, representantes da Comissão de Assuntos Indígenas e de Política Pública da Associação Brasileira de Antropologia também se mostraram a favor do retorno da peça.



A machadinha ritual "kyire", dos Krahó

O chefe do conselho dos Krahó, Pedro Penó, 72, esteve ontem no Departamento de Ciências Sociais para expor o problema aos estudantes e professores. A "kyire" foi levada dos Krahó pelo antropólogo Harald Schultz, em 1947, que a doou ao Museu. Pedro disse que a peça é única e que, nem que os índios soubessem fazer outra igual, não teria o mesmo valor: "Ela traz muita alegria e eu não quero acabar com esse costume. Cada um tem que manter o seu costume e eu não quero acabar com os nossos". A "kyire" está associada a uma série de cantos importantes no ciclo ritual dos Krahó que, sem ela, não podem ser executados.

Pouco interesse

O etnólogo Egon Schaden, 72, membro do conselho administrativo

do Museu Paulista, é contra a restituição. Ele acredita que a machadinha tem pouco interesse para os índios, uma vez que durante quarenta anos eles não se importaram com ela. "Acho que estão fazendo muito barulho por nada. Não sei até que ponto o problema é deles e até que ponto foi insuflado".

Para a antropóloga Lux Vidal, 56, recuperar a machadinha é importante porque demonstra o desejo de rever os rituais culturais indígenas. "Nesse sentido, a restituição pode significar uma troca, que beneficiará a todos. O museu deixará de ser visto como um arquivo de coisas mortas e servirá para a documentação de novas pesquisas. Seu acervo vai significar um centro de comunicação entre culturas diferentes", segundo disse a antropóloga.

Nação Krahó procura manter seus costumes

Os cerca de mil índios Krahó vivem numa área de 320 mil hectares cedida pelo governo, entre os municípios de Goiatins e Itacajá, no norte de Goiás. Pertencem ao grupo étnico dos Timbira e ao grupo linguístico Gê. Segundo o antropólogo Gilberto Azenha, 36, que trabalha com os Krahó desde 1975, a tribo, apesar de ter contato com os brancos há cerca de duzentos anos, mantém praticamente intactos os seus costumes.

A principal característica dos krahó é promover intensos rituais festivos: são cerca de trezentos ao longo do ano. A tribo faz também corridas com toras, ou seja, os índios competem carregando toras de madeira. Os Krahó moram em oito aldeias circulares e se alimentam, basicamente, de suas plantações de arroz e mandioca, que são mantidas pelas mulheres, e da caça, atividade reservada aos homens.